

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2009

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL -PDE



Produção Didático Pedagógica

PROFESSORA PDE: JOSEANE REGINA MIRI

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> MARIA CLECI VENTURINI

GUARAPUAVA – PR  
2010

# UNIDADE DIDÁTICA

## UNIDADE DIDÁTICA

ANÁLISE DO DISCURSO E LEITURA

CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERISSIMO:  
OS SENTIDOS POSSÍVEIS

JOSEANE REGINA MIRI

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Maria Cleci Venturini  
**SUMÁRIO**

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO .....	4
2 APRESENTAÇÃO .....	4
3 OBJETIVOS .....	7
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
4.1 Opção pelo gênero crônica.....	8
4.2 O que há no fundo do risível? .....	10
4.3 Luis Fernando Veríssimo .....	12
4.3.1 O Autor.....	12
4.3.2 A Obra .....	14
5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS .....	16
6 SUGESTÕES DE ATIVIDADES .....	23
6.1 Crônica Audácia: A Ilusão de ser “origem” do dizer e os efeitos de sentido pelo uso da ironia .....	23
6.2 Crônica “A Bola”: os sentidos possíveis.....	32
6.3 Como se dá a constituição de efeitos de sentidos .....	36
6.3.1 Obra: O Mundo é Bárbaro: e que nos temos a ver com isso .....	36
6.3.2 Os Discursos que se Inscrevem nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo.....	38
6.3.3 Obra: Mais Comédias para Ler na Escola .....	47
7 REFERÊNCIAS.....	48
7.1 Referências On-line.....	50

# UNIDADE DIDÁTICA

## UNIDADE DIDÁTICA

### 1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**NÚCLEO:** Pato Branco

**Município:** São João

**Professor PDE:** Joseane Regina Miri

**E-mail:** jomiri@seed.pr.gov.br

**Professora Orientadora IES:** Dr<sup>a</sup>. Maria Cleci Venturini

**IES vinculada:** UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Área PDE:** Língua Portuguesa

**Escola de Implementação:** Escola Estadual José de Anchieta – EF.

**Público objeto de intervenção:** alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries

**Título:** Crônicas de Luís Fernando Veríssimo: os sentidos possíveis

**Conteúdo Estruturante:** O Discurso como Prática Social

**Conteúdo Básico:** Leitura de crônicas de Luis Fernando Veríssimo com abordagem Discursiva

### 2 APRESENTAÇÃO

A problemática da leitura é muito séria na educação, apesar de sua importância como prática social e discursiva. Para modificar esse quadro são necessárias reformulações expressivas no sistema político-econômico e sócio-cultural, de modo a permitirem melhoria efetiva de condições de vida da imensa maioria da população desfavorecida.

Pensar conhecer de antemão ou ter certezas absolutas sobre as questões pertinentes à leitura e o ponto central que se pretende atingir inviabiliza essa pesquisa. O que se pretende são reflexões, definições bem feitas, ressaltando que todas elas são passíveis de limites e incongruências. O caminho é arquitetar hipóteses de trabalho que sugiram centralidades sempre questionáveis, afinal segundo Pedro Demo (2003) nunca se pode decidir totalmente se o que vemos como central é central no fenômeno estudado ou é por que o vemos melhor. A questão da subjetividade e a do ponto de vista de quem define estão presentes e inferem significados, além da idéia de complexidade que recomenda duvidar da expectativa de apenas um centro.

As atividades que propomos nessa Unidade Didática podem apresentar situações já desenvolvidas nas escolas, mas para os alunos da Escola Estadual José de Anchieta, constituem-se uma forma diferenciada de abordagem da leitura.

A inovação provém das desconstruções, tendo em vista que aprender algo novo acontece ao se comparar a situação atual com a anterior. Restringir-se à reprodução do conhecimento, é perpetuar o mesmo antes e depois, impedindo o surgimento do novo, ignorando as rupturas e desvios provenientes da língua em funcionamento em relação à exterioridade. Acredita-se que “... aprender é reconstruir, no sentido preciso de que a aprendizagem autêntica desconstrói e reconstrói constantemente seus limites.” (Ibid, p.15).

Nessa perspectiva, o que pretendemos é a construção de um instrumento de leitura que contemple os processos discursivos de constituição do sentido dos textos selecionados, de modo que essa atividade seja um estímulo à freqüência do aluno à leitura/interpretação/compreensão de materialidades discursivas diversas, suscitando um olhar menos ingênuo.

Aqui especificamente o *corpus* de análise são as crônicas de Luis Fernando Veríssimo (doravante LFV). Algumas divulgadas no Jornal Folha de São Paulo e O Globo, outras compiladas de obras específicas do autor e ou divulgadas em páginas da internet. Também obras completas, com leitura de crônicas selecionadas previamente e análise da capa: “Comédias para Ler na Escola”; “Mais Comédias para Ler na Escola” e “O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso”. Incluindo, sempre que necessário, textos que

significam a partir do interdiscurso (nos termos de Pêcheux, 1997) com os discursos que pretendemos analisar em sala de aula.

Os recortes feitos nas crônicas de LFV serão utilizados para demonstrar os processos de constituição do humor, refletindo sobre o que provoca o riso. Observamos que o humor é uma das características marcantes da obra do autor e em função disso, buscamos compreender como se constitui em sua produção esse efeito, destacando a inscrição do autor em Formações Discursivas (FDs) e também do sujeito-leitor, tendo em vista que os sentidos, de acordo com Orlandi (2008) “sempre podem ser outros”.

O instrumento de leitura pretendido, “*consiste em determinar os procedimentos de fabricação da comicidade, contrasta com o método seguido, que visa encerrar os efeitos cômicos numa fórmula muito ampla e simples.*” (BERGERSON, 2007, p. VIII), característica própria da AD pelos “efeitos de sentido”.

Essa Unidade Didática foi pensada para professores, pretendendo ser um material didático a ser usado no incentivo à leitura discursiva dos alunos, superando a mera decodificação. Organizamos as atividades de análise dos discursos com linguagem própria para os alunos, porém agregamos informações, conceitos e relações teóricas que se destinam especificamente aos professores para que possam aplicar nosso instrumento de leitura em suas aulas de forma coerente, sem conflitos teóricos.

Essa decisão dá-se pelas próprias características da AD, pressupondo conhecimento teórico em torno dos seus princípios para se pensar e utilizar os procedimentos analíticos e discursivos de forma coerente e produtiva. Esse procedimento decorre do desejo desse material não se constituir apenas em um conjunto de atividades a serem aplicadas isoladamente, mas numa provocação que leve os educadores a interessarem-se pela teoria da AD e acreditarem nos seus pressupostos para fomentar as práticas de leitura e escrita centrada em sujeitos tomados não como pessoas, mas como posição discursiva, inscrita em lugares sociais.

No campo disciplinar da AD, teoria e metodologia são indissociáveis, ou seja, só podemos falar em metodologia envolvendo elementos teóricos. O objeto tomado para análise também pede a teoria, isso faz com que o analista recorra a conceitos ou busque esclarecimentos teóricos para sua compreensão

e análise. Dizendo de outra forma, nessa perspectiva teórica não há uma metodologia prévia. Os recortes efetivados pelo sujeito analista (nesse o proponente das atividades) sinalizam para uma tomada de posição em relação ao objeto material. A natureza e especificidade dos recortes é que determinam os procedimentos analíticos, isto é, conceitos a partir dos quais as análises se efetivam.

As análises, na perspectiva discursiva, centram-se no discurso, definido por Pêcheux (1997) como “efeito de sentido entre locutores”, que se deixa entrever a partir da materialidade da língua. Dessa forma, o analista não pode priorizar nem o lingüístico nem o histórico, mas a língua na história, fazendo sentido (Fernandes e Venturini, 2008), considerando a materialidade e a constituição das evidências de sentido.

### **3 OBJETIVOS**

- Oportunizar contato com as crônicas de Luis Fernando Veríssimo, buscando o sentido discursivo do texto pela relação da materialidade textual com a exterioridade e também com a interioridade constitutiva de um texto, com um olhar menos ingênuo;
- Utilizar abordagem metodológica de incentivo à leitura discursiva das crônicas de Luis Fernando Veríssimo para resgatar relações de interdiscursividade e crítica entre professor e aluno e de ambos com a materialidade lingüística e discursiva;
- Identificar aspectos discursivos e estrutura composicional da crônica, priorizando não os conteúdos, mas os processos discursivos, ou seja, “como” o texto significa;
- Realizar leitura que contemple o inteligível/ o interpretável/ o compreensível do texto, considerando a construção de significados possíveis e as condições de produção;
- Propiciar reflexão acerca do funcionamento da língua na história, destacando que o sentido/interpretação sempre pode ser outro;



- Reconhecer a presença do humor nos discursos como elemento desencadeador de crítica social;
- Reconhecer os usos da ironia e seus efeitos de sentido nas crônicas de Veríssimo;

## 4 FUNDAMENTAÇÃO

### 4.1 Opção pelo gênero crônica

Sem desconsiderar a variedade de gêneros, sugeridos pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (SEED – PR, 2008), a opção pela utilização do gênero crônica é devido a sua aparente simplicidade, assemelha-se a uma conversa amena, direcionando-se aos fatos corriqueiros, ou seja, situações do cotidiano das pessoas, o que torna essa leitura mais próxima de seus leitores.

Ana Maria Machado (2001, p.11) aconselha *“Lendo textos curtos, fáceis, divertidos, variados, numa linguagem clara e parecida com a que a gente fala todo dia...”* podemos motivar e desenvolver a “musculatura” leitora e as crônicas se prestam a isso. Outra possibilidade viabilizada pelo gênero crônica é o leitor ressignificar experiências já vividas em algum momento, especialmente, situações reais de comunicação. Isso tudo através de uma linguagem muito próxima da coloquial.

Segundo Antonio Candido (1.992), pelas características apresentadas, a crônica chega a ser vista por autores como gênero menor. E o próprio autor brinca com essa situação usando a expressão “Graças a Deus”, para justificar que dessa forma a crônica fica sempre perto de nós.

No que diz respeito à leitura desses textos e o efeito que eles provocam sobre os leitores, Candido comenta:

“Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele a grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e

também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor” (CANDIDO, 1992, p.14).

Candido ainda salienta que a crônica é despretensiosa, insinuante, reveladora e, por isso, favorece a leitura e que ela ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que a mesma não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto.

Além disso, esse gênero textual explora recursos da língua que estão lado a lado à literatura e ao coloquial, permitindo a identificação de nossos alunos com a linguagem sem a necessidade de abandonar as características literárias. A crônica é uma junção do jornalismo com a literatura, por ser breve e simples, mas apresenta em seu interior uma complexa profundidade, apesar de sua aparência de “bate papo” informal.

A crônica surge, num primeiro momento, no jornal e para o jornal, o que pode levar a assumir a mesma efemeridade das notícias que encontramos estampadas nas manchetes dos jornais, um dia com apreciação de inúmeros leitores, no outro nada mais são que papéis de embrulho. Uma das estratégias de se preservar a crônica é organizá-las em coletâneas, realizando a seleção, feita pelo próprio autor ou por terceiros. O livro confere um caráter mais duradouro, as crônicas publicadas em jornais, estratégia muito usada por LFV. Dessa forma, podemos continuar tendo acesso a textos antigos, que se resignificam na formação social atual.

Salientamos que há inúmeras definições e mesmo indefinições sobre o gênero crônica. Nosso material não se prende a isso, mas sim as formas de pensar as estratégias de constituições dos discursos das mesmas, mais especificamente, aos modos como essa modalidade textual significa, dados pelos procedimentos discursivos. Focamos as crônicas de humor de LFV e as possibilidades de significação das mesmas. A crônica de humor procura o riso, com certo registro de costumes. Apresenta-se, geralmente, sob a forma de um comentário curto, próximo do conto. De assuntos variados, exhibe sempre um fato real, ou seja, lança uma realidade recriada, que induz o leitor a refletir de forma bem espontânea e de bom humor. A sociedade é mostrada por meio da visão do cronista. O autor da crônica toma decisões, conscientes ou não, e relata os acontecimentos, faz denúncias e, às vezes,

critica utilizando o humor como estratégia ou recurso para se expressar. Ler Veríssimo possibilita vários textos que exemplificam, com bastante propriedade, esse gênero textual.

#### 4.2 O que há no fundo do risível?

Afinal o que significa o riso? O que há no fundo do risível? Segundo Bergson (2007) é preciso ver na invenção cômica, acima de tudo, algo vivo. A comicidade das palavras, da linguagem acontece por ser um ato humano, ou seja, se processa pelo uso que o sujeito lhe dá.

A linguagem só obtém efeitos risíveis porque é uma obra humana, modelada com a máxima exatidão possível pelas formas do espírito humano. Sentimos nela algo que vive pela nossa vida; e se essa vida da linguagem fosse completa e perfeita, se nada houvesse nela de rígido, se a linguagem enfim, fosse um organismo totalmente unificado, incapaz de se cindir em organismos independentes, escaparia a comicidade, como, aliás, também escaparia a alma a vida que fosse harmoniosamente fundida, unida semelhante a um espelho d'água bem tranqüilo. (BERGSON, 2007, p.97)

Podemos considerar que a quebra da normalidade atribui efeitos de risível. Tudo o que foge à regra é suscetível de riso. E o riso surge naquilo que não se enquadra aos padrões previamente convencionados. Nesse sentido, parece haver uma ordem natural das coisas, que deve ser respeitada. Conforme Pêcheux (1997) o mundo é semanticamente normal, e quando há a quebra dessa normalidade e algo foge dela o humor pode surgir.

As evidências, segundo Pêcheux (1997, p.159), “*veiculam e mascaram*” a norma identificadora, determinando o que o sujeito reduplicado pelo ideológico pode e deve dizer ou fazer a partir da formação discursiva que o interpela e com a qual ele se identifica. O absurdo decorre da quebra dessa norma identificadora, em que são explorados os desvios e a anormalidade para destacar o inusitado, que não deveria ocorrer, mas que ocorre e instaura a comicidade. Especificamente, a formação discursiva é:

[...] espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma “intersubjetividade falante” pela qual

um sabe de antemão o que “outro” vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro”. (Ibid)

Através da ideologia se estabelece o que é ou não aceito para aquela sociedade, naquele momento específico. As sociedades têm códigos particulares de valores morais e éticos, que costumam determinar o comportamento dos indivíduos que nela estão inseridos. O desvio dos moldes estabelecidos passa a ser motivo de chacota para os demais. Pêcheux (1997) exemplifica demonstrando que há uma norma identificadora para um soldado francês: a de não recuar, o que automaticamente significa que se você é um verdadeiro soldado francês, não vai recuar diante de nenhum obstáculo. Temos dessa forma, o discurso implícito pelo ideológico, afirmando o que é e o que não é ao mesmo tempo. Qualquer desvio entre a constatação e a norma pode causar humor.

Essa consideração do humor como dependente de uma visão cultural de cada povo, pode ser apontada como um dos motivos para existir tantas anedotas a respeito de diferentes etnias, credos, opções sexuais, desvios da moral, promiscuidade, e vários outros exemplos. O riso decorre de tudo aquilo que não é “normal”, aos padrões daquela sociedade, a quebra da normalidade demanda o humor.

Para um discurso ser engraçado e provocar efeitos humorísticos há necessidade de que a atualidade faça sentido para os sujeitos leitores e que se relacionem a essa atualidade, memórias com as quais ela rompe e por isso instaura-se o riso.

Os textos humorísticos fazem trabalhar espaços de memória do político nacional, dos saberes religiosos e familiares que interpelam os sujeitos da formação social pelo funcionamento da ideologia. Essa modalidade discursiva caracteriza-se por explorar o cômico, mas não o grotesco ou o agressivo, pois na verdade, ao produzir o humor, os sujeitos da formação social dão visibilidade e riem das inquietações que envolvem a vida social do Brasil como nação, e dos brasileiros enquanto sujeitos interpelados pela ideologia constitutiva da formação social. (FERNANDES e VENTURINI, 2008, p.83)

Considerando que nosso recorte são as crônicas de LFV, o próprio autor em entrevista a Revista Língua Portuguesa (2010, ed.57) afirmou sobre sua técnica para usar a ironia:

Os brasileiros estão acostumados com a ironia, nada mais comum do que duas pessoas que se amam se agredirem ironicamente, ou as pessoas dizerem o contrário do que realmente pensam, mas coloque-se isso num texto e o comum é as pessoas não entenderem. Esta é a maior ironia de todas. Se há uma técnica para escrever com ironia? Não, é só ser irônico, brasileiroamente.

Para o humor acontecer há um rompimento com a normalidade ou então estabelecimento de relações com outros discursos ou domínios que instaurem o inusitado. Aqui buscamos a representação do sujeito em textos humorísticos, tomando para tanto, o conceito de formação discursiva, que envolve o interdiscurso, definido, segundo Pêcheux (1997, p.162), *“como algo que fala sempre antes, em outro lugar independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”*, e que, no eixo da formulação, atualiza a memória. Nesse sentido Fernandes e Venturini (2008, p.86) afirmam: *“O funcionamento do humor decorre ainda, da estereotipização dos sujeitos sociais, simulando a homogeneidade. Eles são reconhecidos pela inscrição a redes de memória, que determinam o que eles podem dizer ou fazer.”*.

Os textos humorísticos apresentam nos discursos proferidos uma mensagem não evidente para o leitor, disso decorre a necessidade de leitura mais aprofundada para não aceitar apenas o que está sendo dito ao pé da letra. Para Possenti (1998, p. 38) *“provavelmente todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor”*. Encontrar o compreensível nos discursos somente é possível com leitura mais atenta - está subentendido que as críticas, mascaradas pelo humor, se escondem.

## **4.3 Luis Fernando Verissimo**

### **4.3.1 O autor**

Luis Fernando Veríssimo, nasceu em 26 de setembro 1936, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho do grande romancista Erico Verissimo e de Mafalda Verissimo.

É consagrado como um dos escritores mais populares do país. Iniciou seus estudos no Instituto Porto Alegre, tendo passado por escolas nos Estados Unidos quando morou lá, pois seu pai foi lecionar em uma universidade da Califórnia, por dois anos. Voltou a morar nos EUA quando tinha 16 anos, tendo cursado a Roosevelt High School de Washington, onde também estudou música, sendo até hoje inseparável de seu saxofone.

Começou a trabalhar na editora Globo (1956), de Porto Alegre, no setor de arte e planejamento. Transferiu-se para o Rio de Janeiro (1962) onde exerceu as atividades de tradutor e redator de publicações comerciais. Jornalista iniciou sua carreira no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, em fins de 1966, onde começou como *copydesk* e redator de publicidade.

Em pouco tempo já assinava uma coluna diária, que o consagrou por seu estilo humorístico e uma série de cartuns e histórias em quadrinhos. O primeiro livro, "O popular", de crônicas e cartuns, foi publicado em 1973. Algumas de suas crônicas foram publicadas nos Estados Unidos e na França em coletâneas de autores brasileiros.

LFV *"é um dos grandes, numa área que, com toda a certeza, é um dos pontos altos e originais de nossa literatura"* (MACHADO, 2001, p.14). Segundo Machado, a praia do autor é o cotidiano, destacando as conversas entre quatro paredes, as lembranças solitárias de infâncias e adolescências, porém enfatiza que a temática não é o principal na obra do autor. A questão maior é sua preocupação com o social é o ético, revelando nas temáticas cotidianas ângulos geralmente insólitos e inesperados.

Verissimo tem um estilo consagrado. É tímido, mas não isolado do mundo. É monossilábico, quem aprecia sua obra reconhece sua capacidade de síntese, frases curtas, uso de pontuação com primazia, diálogos freqüentes, porém sintéticos.

[...] Luis Fernando Verissimo conta com seu magistral domínio da linguagem e do ritmo da narração. Tem uma admirável economia no uso das palavras – tudo é enxuto, nada sobra. No país do Barroco, é quase minimalista. Seus diálogos dão até a impressão de que saíram de uma fita gravada. Mas é só a gente lembrar da realidade das transcrições de conversas

gravadas (cada vez mais freqüentes nas denúncias de escândalos pela imprensa), para perceber como essa impressão é falsa. Estamos exatamente diante daquele processo que Carlos Drummond de Andrade descreveu tão bem, ao dizer que queria a beleza da simplicidade – mas não a beleza do que nasceu simples e sim a beleza do que ficou simples. Fruto da atenção impiedosa, muito trabalho e aguda consciência de como cortar. (MACHADO, 2001, p.14 e 15)

Acesse os links abaixo e conheça mais sobre o autor Luis Fernando Veríssimo.

[http://www.releituras.com/lfverissimo\\_bio.asp](http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis\\_Fernando\\_Verissimo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis_Fernando_Verissimo)

<http://jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevistaverissimo2.html>

#### 4.3.2 A Obra

A teoria da AD se presta a analisar qualquer materialidade verbal ou não-verbal. Ter escolhido as crônicas de LFV, além dos motivos já descritos, encontra acolhimento no comentário de Milton Hatoum (2008) registrado na contra capa da obra “O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso”.

**Veríssimo** (grifo do autor) é um cronista da História e da memória, e também um mestre da crítica social e política. Às vezes é terrivelmente irônico, outras vezes cético, mas sempre compassivo com os desvalidos deste mundo de fato bárbaro. Não poucas crônicas desse livro são geniais.

No texto de abertura da obra “Comédias para se Ler na Escola” Ana Maria Machado sintetiza os motivos que incitaram nossa opção pelo autor Luis Fernando Veríssimo.

Depois de ler este livro, duvido que algum jovem ainda seja capaz de dizer, sinceramente, que não curte ler. E, para não ficar achando que só gosta deste livro, que leia os outros do autor. Aposto que, em sua maioria, os novos leitores vão se

viciar em livro e sair procurando outros textos, de outros autores. Com vontade de, um dia, chegar a escrever assim. Quem sabe? O Veríssimo nunca pensou que ia ser escritor quando crescesse. Seu negócio era mesmo um bom solo de saxofone, instrumento em que ainda arrasa escondido. Mas com essa história de ser músico, desenvolveu tanto o ouvido que acabou assim: hoje ele ouve (e conta pra nós) até o que pensamos, sentimos e sonhamos em silêncio. Em qualquer idade. (MACHADO, 2001, p.15)

As crônicas de LFV são textos humorísticos, cheios de ironia, estimulam uma leitura por fruição, permitem a interação entre autor/texto/leitor. Isso facilita a aceitação de sua obra entre os alunos, porém não nos impede de ir além da leitura fruição chegando aos processos de constituição do sentido a partir da inscrição histórico-social do autor. O ato de leitura é interação não apenas do leitor com o texto, mas com as vozes presentes nos textos, marcas do uso que os falantes fazem da língua, discursos que atravessam os textos e os leitores.

Um de seus traços característicos é a comicidade, conseguindo apresentar os fatos mais variados do cotidiano com uma visão descontraída, sem, contudo tratar qualquer tema com superficialidade. Tendo o cotidiano como matéria de pesquisa, seus textos exteriorizam conflitos políticos, culturais e ideológicos. Aguçando o interesse dos leitores sua marca registrada

A comicidade está entre as características constantes em suas narrativas – nas mais inusitadas formas. A descontração em falar de qualquer tema, e uma visão sólida sobre os fatos, revelam análises inteligentes e precisas da vida cotidiana: a arte de Luis Fernando Verissimo reside, fundamentalmente, na capacidade de captar cenas, muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e risíveis, pelo emprego de recursos diversificados (KONZEN, 2002, p. 96)

À medida que o aluno vai conhecendo as obras do autor, também aumenta sua capacidade crítica das mesmas, uma vez que ele vai perceber as recorrências (redes parafrásticas) que sinalizam para a inscrição do sujeito-autor em formações discursivas, bem como a sua filiação em espaços políticos e sociais. Esses sujeitos podem ler/interpretar/compreender o próprio Luis Fernando Veríssimo, enquanto sujeito que vive em determinado tempo, lugar e se significa e é significado pela língua na história.



Um último argumento para convencer a usar a obra de LFV no incentivo à leitura e escrita de nossos alunos encontramos em Sérgio Augusto (2008) *“a maneira mais segura de avaliar suas qualidades é tentar aprimorá-lo. Experimente pegar um parágrafo qualquer do Veríssimo e tente aperfeiçoá-lo. (...) Não se surpreenda se todos julgarem o original melhor.”*

Considerando as características específicas e a qualidade da obra de LFV é essencial utilizar um instrumento de leitura que permita retornar ao eixo da formulação, assim os alunos poderão compreender toda essa riqueza e implicações constitutivas das crônicas do autor. Com isso eles reconhecem pelo interdiscurso os já-ditos e significados antes, mas que se ressignificam no eixo da formulação – intradiscurso, estabelecendo pelas redes parafrásticas, os efeitos humorísticos, as questões do assujeitamento, os não-ditos, os vazios, os implícitos, que pedem um sujeito-leitor capaz de preencher essas lacunas, para que este construa os sentidos possíveis no discurso proferido.

## 5.0 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS/ METODOLÓGICOS

Encontramos suporte teórico/metodológico nas teorias de análise de discurso (doravante AD) e pensar a leitura na ancoragem teórica da AD, pressupõe considerar que o texto não deve ser usado como pretexto, atendo-se apenas aos seus aspectos formais, mas enquanto discurso, cumprindo uma função dentro de um contexto sócio-histórico cultural, marcadamente ideológico e, pelo inconsciente. Utilizamos o texto para pensar como o autor usou o discurso para produzir o jogo do simbólico.

Nosso objeto de análise não se constitui do texto em si, mas do discurso. Entendemos que discurso é mais complexo e maior porque mantém relação com o interdiscurso e por/nele com outros textos que circularam antes, em outros tempos e lugares. Empregamos os textos porque os mesmos constituem-se na materialização do discurso.

A teoria do discurso, que ancora a leitura discursiva, pressupõe as condições de produção (no sentido restrito e amplo) e as formações discursivas como constituidoras de diferentes leituras para um mesmo texto. Conforme postula Orlandi, (2006, p.101) *“Não é só quem escreve que significa; quem lê*

*também produz sentidos. E o faz, não como algo que se faz abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas.”*

As condições de produção correspondem aos aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam ou determinam à produção do discurso. Ou seja, interessa saber de que lugar ideológico fala o autor do discurso. Uma síntese pode ser encontrada em Orlandi (2007, p.30)

Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, (grifo da autora) faz valer, as condições de produção ...

Elas podem ser de natureza estrita ou ampla, conforme postula Orlandi (2007) Como sentido estrito, trata-se das condições relativas à própria enunciação, e, como sentido amplo trata-se das condições sócio-históricas determinantes da produção discursiva. Portanto a aquisição do discurso não é individual, mas social, já que aí está refletida a ilusão do sujeito.

Surge a questão da memória, pensada em relação ao discurso, tratada, então como interdiscurso. Definido como *“aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito [...]”* (ORLANDI, 2007, p. 31) O “já-dito” é fundamental para compreender o discurso, sempre comprometido com o político e ideológico.

Segundo Orlandi (2007), há uma relação entre o “já-dito” e o que se está dizendo, ou seja, a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, portanto entre a constituição do sentido e sua formulação.

O interdiscurso representado como um eixo vertical, constituído dos dizeres já-ditos, esquecidos em uma estratificação de discursos, representa o dizível e as suas condições de constituição, através da memória, da historicidade. (Ibid)

Já o intradiscurso, representado como eixo horizontal – eixo da formulação – representa a atualidade, aquilo que estamos dizendo conforme as

condições do momento e que torna possível aquele dizer específico para aquele sujeito específico. (Ibid)

O sujeito, dentro do processo discursivo, trabalha com as múltiplas representações. Simula a representação de si mesmo, do outro (os interlocutores) e do Outro (o inconsciente) e assume as mais diversas formas dentro do fazer lingüístico e discursivo. O que o caracteriza como ideologicamente constituído, o que aparece no discurso, na medida em que esse sujeito fala de diferentes lugares para diferentes interlocutores sobre referentes dos quais ele tem diferentes imagens e atravessado pelo inconsciente, pois a língua e o dizer constituem-se pela falta e pela falha. Segundo Orlandi (Ibid), pelo dizer nem sempre acessível ao sujeito, em tese, responsável pelo que é dito. Enfim, o interlocutor pode ser um mesmo sujeito, representado diferentemente, tendo em vista que ele é definido pelo lugar e posição na formação social e não pela sua empiricidade.

Em síntese, as condições de produção compreendem o contexto histórico-social, os sujeitos, o lugar de onde falam, a situação, a memória e a imagem que fazem de si, do outro e do referente, ou seja, os pontos constitutivos da instância verbal de produção do discurso.(Ibid)

Considerando a Formação Discursiva (FD) constituinte de diferentes leituras, definimo-la como *“aquilo que determina o que pode e deve ser dito em consonância com a formação ideológica, portanto é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito”*. (PÊCHEUX, 1997, p. 160)

Um texto é atravessado por várias FDs, podendo apresentar inúmeras delas conforme as várias posições-sujeito presentes na materialidade do texto. A FD pode ser de confronto, sustentação mútua, exclusão, neutralidade aparente, gradação, entre outras sempre em consonância com a inscrição dos sujeitos autor e leitor. (Ibid)

A FD se define pela sua relação com a formação ideológica, o que significa dizer que os textos que fazem parte de uma mesma FD remetem a uma mesma formação ideológica. No entanto, *“são as formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura”*. (PÊCHEUX, 1997, p. 166). Sendo assim, a FD deriva de condições de produção específicas, mas são responsáveis por regular o que pode e o que deve ser dito a partir de uma formação ideológica.

Além de pressupor as condições de produção e as FDs, a teoria discursiva desencadeia relações de interdiscursividade e crítica entre professor e aluno e de ambos com a materialidade lingüística e discursiva, objeto de trabalho, oportunizando leituras efetivas e conseqüentes pela relação com a exterioridade e também com a interioridade constitutiva de um texto. Temos em Orlandi (2006, p.111) esclarecimento sobre esse aspecto.

Minhas discussões a respeito da leitura, enquanto proposta para considerá-la na perspectiva discursiva, tem objetivos externos e internos. Um dos objetivos externos é problematizar, ou melhorar, questionar os processos de produção da leitura junto aos que trabalham com seu ensino. O objetivo interno é apreender, no domínio do discurso, o funcionamento da “compreensão”: o que é, quais são seus mecanismos, o que representa em termos de discurso etc.

Com a AD pretendemos mostrar aos alunos as formas como os sentidos se constituem em um texto. Levá-los a perceber que pensamos ser sujeitos intencionais, donos de nosso dizer, quando na verdade somos “sujeitos assujeitados”, ou seja, temos a ilusão de sermos donos do nosso dizer. Nosso discurso é inferido pela sociedade, minhas escolhas, minhas idéias não são originais, estamos o tempo todo recebendo discursos. Segundo Orlandi (2006) quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os) marcadamente influenciados pelos discursos que nos constituem, seja da igreja, da escola, da família, disso decorre nosso assujeitamento.

Destacando que esse assujeitamento dá-se pelo inconsciente e pela ideologia. A palavra sempre está inserida no ideológico, ela não diz sozinha. Aquilo que ela quis dizer, e que pode não ser entendido daquela forma, dialoga com outros discursos.

Para Orlandi (2008) a AD ocupa esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão. Dessa forma, a leitura aparece não mais como simples decodificação, mas como a construção de um dispositivo teórico.

Dispositivo compreendido como um sentido conciso que considera “a *materialidade da linguagem, isto é, sua não-transparência e coloca a*

*necessidade de construir um artefato para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura semântica –linguística e histórica – em uma palavra sua discursividade.” (ORLANDI, 2008, p.21)*

Ao escrever ou buscar os sentidos possíveis em uma materialidade, o que produzimos é uma composição dos vários discursos que nos constituem. Dessa forma, a AD trabalha com a autoria, o que não significa ser dono do seu dizer, mas pensar naquele que disse, em suas condições de produção dos possíveis sentidos veiculados e nas formações discursivas.

Entendemos ser possível, por meio desse instrumento, propiciar reflexão acerca do funcionamento da língua na história, destacando que o sentido/interpretação sempre pode ser outro.

A AD foi utilizada nessa proposta não como um método de interpretação, mas para problematizar a relação com o texto, procurando explicitar os processos de significação que nele estão configurados e os mecanismos de produção de sentidos que estão em funcionamento. Isso porque ela visa à compreensão de como o objeto simbólico produz sentido. Entendendo-se o último como tudo aquilo que produz sentido e pode ser analisado.

Considerando que a AD trabalha só com as materialidades, “o-dito”, que nos encaminha para outros discursos, pretendemos trabalhar o texto além dos aspectos formais, considera-lo enquanto discurso que cumpre papel num contexto sócio-histórico cultural, marcado pelo ideológico e pelo inconsciente. Com vistas a pensar questões da constituição dos discursos selecionados e dos sujeitos envolvidos, entre os possíveis questionamentos, destacamos: A quem se dirige o sujeito que enuncia? Como se constituem os sentidos em textos que aliam mecanismos verbais e não verbais? Que efeitos de sentido as escolhas feitas no texto provocam? Como o texto significa? De qual lugar social e com que direção histórica aquele autor enuncia? Como se processa o “efeito autor” e o “efeito leitor” nos discursos?

De que forma a AD pode corroborar na construção de respostas para esses questionamentos e muitos outros é o que Orlandi (2006, p.102) faz saber:

O homem faz história mas a história não lhe é transparente. Por isso, acreditamos que uma metodologia de ensino conseqüente deve explicitar, para o processo de leitura, os mecanismos pelos quais a ideologia torna evidente o que não é e que, no contrário, resulta de espessos processos de produção de sentido, historicamente determinados. A “naturalidade” dos sentidos é, pois, ideologicamente construída. A transparência dos sentidos que “brotam” de um texto é aparente, e tanto quem ensina quanto quem aprende a ler deve procurar conhecer os mecanismos que aí estão jogando.

A AD garante-nos um olhar específico para o objeto de análise na medida em que nos permite compreender informações históricas, ideológicas e sociais relacionando-as de forma singular com a linguagem.

Reconhecemos que a linguagem é um fenômeno complexo que tem sua especificidade num modo de funcionamento que se dimensiona no tempo e no espaço das práticas do homem. Buscamos, ainda pensar sobre algumas dessas implicações na produção de sentidos, com recorte e ênfase para o funcionamento do humor.

É preciso, portanto, compreender o lugar do humor que, numa sociedade como a nossa, constrói um “efeito de sentido” para suas práticas discursivas, que ao torná-las imaginariamente legítimas e necessárias, formula determinados sentidos e não outros.

Afinal, o que faz as pessoas rirem? O que produz humor? Não trataremos do porque do humor, não se trata de explicar o que ele significa, mas como ele funciona.

Evidenciaremos que a forma como o humor funciona depende da visão cultural de cada povo, considerando a última a partir dos conceitos desenvolvidos inicialmente pelo antropólogo Edward Burnett Tylor para designar o todo complexo metabiológico criado pelo homem.

São práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social; É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período. (Wikipédia,2010)

Uma das capacidades que diferenciam o ser humano dos animais irracionais é da produção de cultura. A piada acontece quando foge daquilo

que é aceito pela sociedade. Um exemplo, na cultura dos russos o beijo entre homens para cumprimentar-se é aceito com naturalidade. Isso se constituiu histórica e ideologicamente como aceito, pois, na Rússia, uma das mais altas formas de reconhecimento oficial era o beijo do czar. Por uma questão cultural aqui no Brasil, beijo entre homens é visto com preconceito e chega a ter conotações homossexuais.

Na Escócia, antigamente, era costume o padre beijar os lábios da noiva ao final da cerimônia. Acreditava-se que a felicidade conjugal dependia dessa benção. Supondo essa situação em um matrimônio no Brasil, no atual contexto de padres sendo investigados por casos de pedofilia e escândalos sexuais, a situação traria a quebra da normalidade e até mesmo uma enorme polêmica.

As crônicas de LFV, a partir desta perspectiva, constituem espaço histórico-ideológico, um lugar de escuta, que acolhe a opacidade da linguagem e os possíveis sentidos. Destacamos como marca de seus textos a transgressão, às vezes, o leitor é surpreendido com situações inesperadas criadas pelo autor. Parece seguir o caminho costumeiro, mas acaba surpreendendo, quebrando valores, conceitos, expectativas.

O foco será nos sentidos possíveis e como eles se constituem na obra de LFV. O autor tem a preocupação com as infinitas possibilidades de expressão que as palavras carregam. Percebemos isso entre suas autodefinições irônicas e a mais conhecida é aquela em que ele apresenta-se como o gigolô das palavras. Atrás do espírito brincalhão, revela-se o escritor extremamente preocupado com os sentidos possíveis.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda. (VERISSIMO, 1982,p.27)

A leitura, a partir de pressupostos da AD, pressupõe pensar sobre as condições de produção da mesma em sala de aula. De acordo com Orlandi

(2006) a leitura sempre tem sua história e é produzida sobre determinadas condições. Ela também defende que a escola pode modificar as condições de produção de leitura dos alunos fazendo com que estes construam sua própria história de leitura e que resgatem a história dos sentidos do texto.

## 6.0 SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### 6.1 Crônica Audácia: A Ilusão de ser “origem” do dizer e os efeitos de sentido pelo uso da ironia

Essas atividades de leitura e escrita objetivam examinar a presença de marcas lingüístico/discursivas que demonstrem a presença do *outro* no discurso, denunciando os diversos discursos que retornam e atualizam os sentidos. O *corpus* de *análise*: crônica de Luís Fernando Veríssimo, *A Audácia*. Partiremos da noção de um discurso dando conta de uma enunciação heterogênea, especialmente pelo uso da ironia (humor), que incide, das mais variadas formas, sobre o texto.

Observamos nessa crônica que a ironia é utilizada com perfeição, chegando a confundir os leitores. A ironia é um recurso muito utilizado por LFV o que nos permite pensar que possa ser usado como estratégia para dizer, sem dizer, o que acaba por isentar da responsabilidade pelo dizer. Seria essa a intenção do autor na crônica “Audácia”? O que propomos são atividades de leitura e análise da referida crônica para que os alunos possam pensar essa questão, considerando que a partir da opacidade do texto e da não transparência da linguagem instaura-se o equívoco. É esse o instrumento de leitura, de dispositivo analítico fundado na noção de efeito metafórico que pretendemos construir, pois as materialidades não possuem um sentido único.

#### ATIVIDADE: *O que Vejo no Texto?*

Acesse o link abaixo para ler à crônica “Audácia” de Luis Fernando Veríssimo e faça as atividades propostas.

<http://www.consciencia.net/opiniaio/arquivo/verissimo4.html>



- 1- Transcreva do texto exemplos de estereótipos, frases feitas que o autor utilizou e justifique as razões pelas quais você as classifica como estereótipos.
- 2- Você diria que o texto apresenta algum tipo de preconceito? Qual? Justifique com elementos do próprio texto e diga quais dizeres sociais retornam e atualizam os sentidos da crônica.
- 3- Há algum enunciado, ou enunciados, do texto que você considera irônicos? Indique as ironias presentes e justifique a sua interpretação, considerando os não-ditos, que apesar da ausência significam no texto.
- 4- O que é um “Romanée-Conti”?
- 5- Vamos pesquisar no Google sobre o “Romanée-Conti”. Sabendo que se trata de um vinho francês descubra o valor atual de uma garrafa. Depois faça uma suposição do valor do vinho naquela época.
- 6- A partir da leitura da crônica você diria que LFV é governista ou se opunha ao governo na época em que escreveu a crônica? Justifique sua resposta. Busque saber os temas recorrentes das crônicas de LFV e a sua filiação política.
- 7- Considerando que a crônica Audácia foi publicada entre o 1º (06/10) e o 2º turno (27/10) das Eleições Presidenciais de 2002, sendo ela formada de 400 palavras embebida em ironia, você acha que a obra causou polêmica?
- 8- Observe as três interrogações usadas por Veríssimo para iniciar essa crônica; *“Quem o Lula pensa que é, tomando Romanée-Conti? Gente! O que é isso? Onde é que estamos?”* Em sua opinião qual o efeito de sentido delas? Há possibilidade de os sentidos serem outros? Explique e exemplifique.
- 9- Lendo o trecho abaixo retirado da crônica de Veríssimo, assinale a alternativa que em sua opinião melhor explica com que sentido as frases foram usadas. Discuta sua opinião com os colegas da sala.

*“Romanée- iiiiiiiiiiiiii Conti não é pro teu bico não, ó retirante. Vê se te enxerga, ó pau-de-arara. O teu negócio é cachaça. O teu negócio é prato-feito, cerveja e olhe lá.”*

- ( ) usou como deboche  
( ) usou como ironia  
( ) usou como dúvida  
( ) usou como crítica social

Tendo em vista que “o sentido sempre pode ser outro” justifique a opção escolhida e o as determinações para essa interpretação/leitura.

10- No texto encontramos a expressão “pau de arara” que pode ser um instrumento de tortura, largamente usado no período ditatorial brasileiro. Ou, uma forma de transporte irregular, usado sobretudo na região nordeste do Brasil. Conhecendo a biografia do atual presidente brasileiro como você interpreta a utilização desse termo?

11 -Nessa atividade vamos pesquisar sobre o Jornal O Globo para saber qual o perfil de seus leitores e o estilo de suas publicações, a linha editorial, etc. Saber que essa crônica foi publicada no Jornal *O Globo*, em outubro de 2002 pode interferir na sua interpretação, no seu entendimento da obra?

12- O vocábulo Audácia pode ser definido como: *s.f. Impulso de alma que leva a cometer ações extraordinárias, desprezando obstáculos e perigos; denodo, afoiteza, arrojo, ousadia, intrepidez, valor.* Para você qual foi a audácia de Lula?

13-Ainda considerando o significado da palavra audácia, qual o efeito de sentido dela constituir o título da crônica?

14-“*Viver como a gente, que tem berço, que tem classe, que tem bom gosto e, portanto merece o melhor.*” Quando Veríssimo escreve “como a gente” a quem ele está se referindo?

15-O uso de “Vai ver derramou um pouco pro santo, na toalha.” faz retornar o quê? De que forma isso contribui para compor a ironia no texto?

16- No dia seguinte a publicação da crônica Audácia, “choveram” cartas no *Globo*. Seguem abaixo alguns dos comentários dos leitores, divulgados por Paulo Cezar Guimarães em seu artigo “E o colunista só queria ironizar”. Acompanhe:

1º- “Eu e minha família estamos indignados com a opinião do Verissimo em sua coluna, por ele ter demonstrado claramente que não gosta de pobre decente, capaz de ser alguém na vida e na sociedade. Ele não só humilhou o Lula como toda uma nação que luta para um país melhor”.

2º- "Como pode um escritor do quilate, do berço, da inteligência e da elite de Veríssimo escrever um texto racista e elitista como esse? A humildade tem que fazer parte desse escritor, que exclui uma enorme parcela da sociedade das coisas mais finas que ele julga ser só para os ricos e para ele", exagerou outro.

3º- "Veríssimo foi infeliz, sobretudo, ao chamar-nos de gatinha. Posso não ser dotado de uma situação que me permita tomar Romanée-Conti, mas vale lembrar que a maior parte desse país também não (...)", reclamou mais um leitor.

E você, o que escreveria para Veríssimo a respeito dessa crônica, após ter lido e debatido a mesma com seu professor e colegas?

Acesse o link abaixo para ler o artigo de Paulo Cezar Guimarães e também a resposta que Veríssimo publicou sobre essa questão.

<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprimir.asp?cod=509FDS025>

17- Muitas pessoas têm dificuldade para entender o que ouvem e lêem. Saber se comunicar, escrever não é simples. Exige muitas habilidades. Dizem que escrever é fácil: "Você começa com maiúscula e termina com ponto". Parece simples. E a ironia? Nem todas as pessoas conseguem entender a ironia. Segundo o próprio Veríssimo "o leitor deve ter um decodificador". A ironia é um recurso recorrente nos textos do autor, chegando, por vezes, a confundir os leitores. Refletindo sobre isso e tudo o que analisamos na crônica como você considera o posicionamento de Veríssimo? .

## CONVERSA COM O PROFESSOR

É importante saber que a primeira publicação de "A audácia", crônica sobre o episódio em que o recém-eleito presidente Lula comemorava a vitória nas eleições (2002) com um jantar, teve muita repercussão entre os leitores. Nesse jantar fora servido Romanée-Conti, vinho francês de qualidade

reconhecida e preço elevado, há quem o considere como um dos vinhos mais caros do mundo, na época, cerca de R\$ 6 mil Reais, a garrafa. Diante de tal divulgação a imprensa não perdoou a atitude do presidente.

Observamos na crônica que o autor caprichou na ironia, pois chegou a chamar Lula de 'gentinha', parecendo mesmo estar indignado com o episódio.

No dia seguinte à publicação de "A audácia", a seção de Cartas do jornal publicou mensagens de leitor condenando Luis Fernando Verissimo. O leitor interpretou "ao pé da letra" as palavras do escritor, acreditou nelas e considerou-as como preconceituosas.

Esse fato demonstra que *"quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada."* (ORLANDI, 2006, p.111)

A mesma autora evidencia nossa condição de assujeitamento ao afirmar:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (2007,p.50)

Dessa forma, nos gestos de leitura podemos perceber a ambigüidade da noção de sujeito que determina o que diz, no entanto também é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos e pelo inconsciente, tendo em vista que parte do dizer não é acessível a ele e que a língua se constitui pela falta e pela falha. O sujeito acredita ser a origem do dizer, quando na verdade está reproduzindo dizeres anteriores, os "já-ditos" que se reinscrevem na história. Além de poder ser acometido pelo "equivoco".

Para Orlandi (2004) toda descrição está intrinsecamente exposta ao equivoco da língua e citando Pêcheux (1991) acrescenta que todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. Justificando as interpretações possíveis, bem diferentes das pretendidas, ou nem tanto, pelo autor quando escreveu a crônica "Audácia". Isso porque a AD

não procura um sentido verdadeiro, não considera que há uma verdade oculta atrás do texto, reforçando que o que há são gestos de interpretação. “A AD não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”, esclarece Orlandi (p.26, 2007).

Esse é nosso foco ao trabalhar a leitura na perspectiva da AD. A intenção é chegar ao compreensível para explicitar os processos de significação presentes no texto, também para poder “escutar” outros sentidos presentes e compreender como eles se constituem. Passando primeiramente pelo inteligível e pelo interpretável, para então chegar ao compreensível.

Orlandi (2004) postula que a noção de funcionamento, estendida para o discurso, faz com que trabalhem não apenas com o que as partes significam, mas que procuremos quais são as regras que tornam possíveis qualquer parte, ou seja, a proposta é explicitar os mecanismos de funcionamento do discurso. Dessa forma pode perseguir os processos de constituição dos sentidos pensados pelo autor. Na AD não se busca o conteúdo do texto, mas os procedimentos discursivos que resultam em efeitos de sentido.

Em “A Audácia”, o *outro* construído no discurso se revela por diferentes enunciadores. Trata-se de um texto todo construído de frases feitas, estereótipos, em que o locutor se vale de verdades consagradas e de domínio público, reproduz mitos e ideologias vigentes, advindas de preconceitos e de discursos constituídos, onde se traduzem o *ethos* e valores que perpassam a imagem de um sujeito individual. Estes enunciados já conhecidos por uma coletividade e que, de certa maneira e em certos contextos, gozam o privilégio da intangibilidade provocam repercussões que se revestem de um caráter de verossimilhança, sobre os quais pesam coerções muito fortes. Enunciados irônicos fazem ecoar uma voz diferente da do locutor, a voz de um enunciador que manifesta um ponto de vista insustentável, num processo de distanciamento entre as palavras e o locutor. Por baixo da voz do locutor há um enunciador que aponta algo absurdo, paradoxal, reproduzindo formações discursivas inseridas no discurso preconceituoso, estabelecendo dessa forma uma polêmica entre duas vozes, representantes de dois mundos em confronto. (CALLES, 2004, p.02)

Considerando que após a publicação da crônica chegaram inúmeras correspondências à redação do Jornal acusando o escritor de preconceito, dias

depois LFV divulga um novo texto, com aparente tom de resignação. Segue a transcrição de algumas colocações do autor:

“Escrever com ironia é um pouco como escrever em código: a comunicação só funciona se na outra ponta houver um decodificador. Quem se mete a escrever irônica ou satiricamente precisa saber que nem todos têm o decodificador. Não se trata de o leitor ser mais ou menos perspicaz. Ele às vezes simplesmente não tem a informação que o emissor pressupõe que ele tem, ou não tem tempo nem saco para ficar decifrando mensagens críticas que querem dizer o contrário. Ou – o que é o mais comum – o emissor é que não soube transmitir bem a sua intenção.”  
(VERISSIMO,2002)

Isso significa que o leitor talvez não se inscreva na mesma FD que o autor e por isso não dispõe dos mesmos saberes. O que LFV escreveu não foi compreendido da forma que ele esperava, pois *“o cerne da produção de sentidos está no modo de relação (leitura) entre o dito e o compreendido.”* (ORLANDI, 2006, p.102) A mesma autora afirma que querendo ou não, quando fazemos parte do conjunto chamado sujeitos-leitores – além de constituir um público com suas implicações e conseqüências – estamos fazendo parte de um processo do qual resulta a institucionalização dos sentidos.

Orlandi nos autoriza a afirmar que *“o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.”* (2007, p.42). Ou seja, as palavras escritas por LFV poderiam significar diferente se escritas por outro autor, ou se lidas por outro destinatário. A posição que autor e leitor se inscrevem e as suas respectivas FD influem diretamente nos gestos de leitura.

A mesma autora destaca a FD como aquilo que numa formação ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito. Dessa forma, quem conhece o estilo de escrita de LFV e sua constituição política tradicionalmente de esquerda não interpretaria o texto como um “deboche” ao presidente Lula e reconheceria a ironia utilizada para criticar um discurso de elite que restringe e dita o que é próprio aos pobres e o que pertence a essa elite.

Ao interpretar ao “pé da letra”, o leitor evidencia que seu discurso se constitui naqueles sentidos porque ele está inscrito em uma FD e não em outra para ter um sentido diferente desse. Vale ressaltar que as FDs representam no

discurso as formações ideológicas, logo os sentidos são determinados ideologicamente.

Aqui é contumaz pensar outra questão: como palavras iguais significam diferente? Como o texto *“Audácia” pode evidenciar tantas interpretações? Isso acontece porque “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”* (ORLANDI, 2007, p.44). Portanto a FD nos favorece na compreensão do sentido do que está dito.

Douglas Duarte, participante do blog “oliveiro.com.br” enviou e-mail para LFV. *“... mandamos como quem não quer nada (além de uma resposta) um email para Verissimo. [...] a entrevistinha, num estilo que os modernos chamariam de microblogging, mas que Verissimo pratica com naturalidade há décadas.”*, ele realizou postagem que nós transcrevemos a seguir. A preocupação é evidenciar aos alunos a posição do sujeito autor, enquanto investido de sua posição de autoria, o que não pressupõe semelhança com o sujeito LFV.

Orlandi (2004) evidencia que o autor responde pelo que diz ou escreve, o autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, pois é suposto estar em sua origem. Sendo tocado de modo particular pela história, *“o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações.”* (Ibid, p.69). O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável.

**BLOG:** Perdeu-se o ouvido para ironia, ou quando há ruído a culpa é do cronista?

**LFV:** Eu sempre acho que o cronista tem a obrigação de ser claro – inclusive deixar claro que está sendo irônico. Uma ironia que passa por ser para valer não funcionou. Agora, às vezes é difícil entender que a ironia – como no caso da crônica do Romanee-Conti – pudesse ser levada a sério.

**BLOG:** Você chegou a frear seus impulsos irônicos depois da crônica do Romanée-Conti?

**LFV:** Não, acho que continuo escrevendo como sempre.

Conheça a entrevista na íntegra acessando: <http://oliveiro.com.br/blog/2009-09-29-cuenca-verissimo-e-as-ironias>

Imaginamos a surpresa e indignação de Veríssimo ao constatar sua caixa postal abarrotada de e-mails furiosos e ameaçadores, conforme ele mesmo divulgou em entrevistas posteriores ao fato. O próprio autor assume a “culpa” pela confusão causada pela crônica “Audácia” e se obrigou a explicar o mal entendido; algo funcionara mal na leitura e a cumplicidade buscada foi frustrada em muitos casos.

É fundamental considerar que o cronista toma o lugar de uma voz da elite brasileira ironizando-a (fazendo dela uma citação). Apesar dos traços marcantes de afirmações absurdas tais como aparecem na crônica em questão alguns leitores interpretaram “literalmente” sua fala e ainda, por mais absurdo que possa parecer, concordam com os termos ali utilizados, em vez de tomá-los como irônicos.

Muito empregado no gênero da crônica, o sarcasmo/humor/ironia pode complicar a situação de um escritor que se propõe a escrever usando esse recurso para significar o oposto. Geralmente seu uso é utilizado para potencializar opiniões, o jornalista visa de alguma maneira desestabilizar o leitor, provocando o estranhamento e, conseqüentemente, obrigando-o a se posicionar perante aquela discussão. Porém, esse processo de constituição dos sentidos nem sempre acontece da forma desejada.

Dessa forma, LFV chega a pedir desculpas aos leitores pelo transtorno criado, publicando a seguinte nota:

Quando o leitor não entende o que o jornalista escreveu, a culpa é sempre do jornalista. Peço desculpa a quem não entendeu a intenção da coluna. O alvo era o preconceito social implícito na reação desmedida ao fato do Lula ter tomado um bom vinho. Talvez tenha faltado o aviso "Atenção: ironia". De qualquer jeito, culpa minha. (2002)

Aqui cabe mais um trabalho reflexivo com os alunos. Nessa nota podemos considerar que LFV foi irônico ou realmente está se colocando como um escritor que não atingiu seu intento no registro escrito? Qual o sentido de: “*Talvez tenha faltado o aviso “Atenção: ironia?*” Para pensar essa questão com os alunos, acesse o texto “*E o colunista só queria ironizar*”, disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.?\\_cod=509FDS025](http://www.observatoriodaimprensa.?_cod=509FDS025). Nele é possível ler



algumas das opiniões dos leitores que escreveram para a redação do Jornal Globo, no dia seguinte a publicação da crônica “Audácia”. Vale conferir, incrível os efeitos de sentido que o uso da ironia pode produzir. Reflita isso com seus alunos.

## 6.2 Crônica “A Bola”: os sentidos possíveis

Nessa atividade usaremos a crônica “A Bola” de LFV para pensar as formas como os sentidos se produzem, aqui reconhecemos o autor dizendo através de recursos que lhe dão a liberdade de talvez não ter compromisso com seu dizer.

Para ler à crônica acesse:

<http://www.olhoscriticos.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=16>

Após a leitura atenta da crônica desenvolva as atividades a seguir.

- 1- Você teve acesso ao texto através de uma folha impressa, por um site ou em livros. Se ele fosse publicado num jornal que efeitos o texto poderia ter sobre os leitores?
- 2- Quais dizeres sociais constituem redes de sentido com o texto “A Bola”? De que formas se manifestam no texto as relações de poder entre pais e filhos?
- 3- No texto percebe-se uma tensão, um conflito entre passado e presente, entre as lembranças e o saudosismo do pai e a aceitação da modernidade. Escreva sobre essa tensão que se apresenta no texto e o que ela representa.
- 4- Busque no texto o brinquedo que represente o passado e justifique sua escolha, especificando para quem este objeto significa como memória e por que razão isso acontece.

5- Observe as palavras, expressões inglesas e diga a que se referem.

a- Monster Ball: \_\_\_\_\_

b- Blip: \_\_\_\_\_

Que efeitos o uso das palavras em inglês constituem no texto? A que se deve esse uso?

6- Observe o uso da palavra “legal” feito pelo garoto na crônica. Elas possuem o mesmo sentido sempre que são usadas? Que palavras podem ser usadas em seu lugar sem alterar o sentido do que o garoto disse?

7- Observe esse recorte do texto: *“O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro.. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar”* Você diria que o autor foi irônico ao usar essa colocação? Qual o sentido que você encontrou nesse trecho?

8- Ouse e escreva esse manual de instrução para usar uma bola, sugerido por Luis Fernando Verissimo. Pode ser em português ou inglês, faça sua opção pelo idioma.

9- Ao receber o presente o filho agradece, desembulha a bola e diz: “Legal!”. O que o pai achou dessa atitude do filho? Que reação o pai esperava de seu filho nessa situação?

10- Como você interpreta esse primeiro “Legal” dito pelo filho ao receber a bola? Escreva com outras palavras o que o garoto quis expressar.

11- O filho pergunta ao pai como se liga a bola. Você considera possível na sociedade de hoje isso acontecer na vida real?

12- Supondo que você seja um garoto, qual seria sua reação diante desse presente que o garoto recebeu na crônica?

13- O que fez o pai perceber que os tempos são outros? E seus familiares também comentam que no tempo deles era diferente do que é agora? Quais diferenças são apontadas?

14- Observe o trecho: *“O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando não gostam do presente ou não querem magoar o velho.”*. Qual o sentido da palavra “velho” nesse trecho? Você a utiliza no seu dia-a-dia? Com quais sentidos?

15- Caracterize o garoto da crônica. Considere idade, classe social, interesses, etc. Atualmente todos os garotos reagiriam dessa forma o receber de presente uma bola?

## CONVERSA COM O PROFESSOR

Retornando ao conceito de FDs percebemos nesta crônica as diferentes posições-sujeito assumidas pelo pai e pelo filho. Esses diferentes sentidos sinalizam a porosidade das FDs e também para a determinação delas em relação aos diferentes sentidos, tendo em vista que as FDs determinam o que pode/deve ou não pode/não deve ser dito pelo sujeito a partir do lugar/posição que ocupa. Portanto, o que faz sentido para um e não para o outro? Como podemos perceber isso no texto? O pai tinha um sonho que é motivado por sua FD, mas não condiz com o sonho do filho. Os tempos são outros, os interesses, as formas de acesso, os entretenimentos também.

O que caracteriza o sujeito pai e o sujeito filho nos permite compreender as expectativas do primeiro e a não correspondência do segundo. Como foi a infância do pai? A que brinquedos, a que recursos teve acesso para se distrair em sua infância? O sonho do pai é motivado por sentimentos de afeto nas relações familiares. Por isso acredita que ao receber a bola, seu filho teria a mesma reação que ele teve ao receber a bola do avô do garoto. Porém

a inúmeros fatores históricos, ideológicos que justificam a atitude diferenciada de seu filho. É interessante refletir isso com os alunos.

Podemos questionar, também, acerca das condições sociais. Todos os garotos reagiriam da mesma forma diante desse presente? Certamente que não. Um garoto com condições financeiras menos favorecidas continuaria valorizando a bola como um bom presente. Afinal, ele não tem computador, brinquedos eletrônicos, acesso a internet. O que mais uma vez comprova que o sentido depende do sujeito e de sua inscrição em FDs.

Pesquisar sobre a história do futebol no Brasil, evidenciando como esse esporte é popularizado e as classes sociais em que ele faz mais sentido, é mais importante, constitui outra relevante atividade. Assim podem ser pensadas questões a respeito dos altos salários dos jogadores, os contratos e negociações milionárias, as aspirações dos garotos para serem jogadores famosos, os ídolos produzidos e referenciados no mundo do futebol. Também o reconhecimento que o futebol traz ao nosso país e as conseqüências disso. É interessante ser conhecido com o país do futebol? Quais as implicações desse conceito?

Professor é necessário refletir as relações parafrásticas, mostrando que os sentidos não são indiferentes às palavras, isto é, não há sinônimos perfeitos. Quando usamos uma palavra no lugar de outras, as memórias que vão retornar e a inscrição dos sujeitos em FD mudam e em consequência o sentido também pode ser outro.

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se referirem a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio” vinculado a sua liberdade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 1997, p.161)

Os diálogos de Verissimo parecem uma conversa real nessa crônica, são tão bem construídos que nos remetem ao lugar do povo. Podemos nos sentir vivenciando suas histórias. Usa linguagem coloquial, para ser fiel ao que as personagens dizem, num texto curto, de estrutura simples e direta.

Destacamos, ainda, a ocorrência das palavras estrangeiras. O sujeito-autor sabe muito bem jogar com as palavras e demonstra um domínio sobre elas, agregando um toque especial e particular ao seu texto. Outro aspecto marcante é a presença de personagens com duas ou três características específicas, que representam satiricamente aspectos da realidade, constituindo na materialidade textual esse efeito.

OBS. Leia também “Ladrão de Galinhas”, crônica de Luís Fernando Veríssimo que aborda as questões da ética e da moral nas relações de poder, evidenciando o que é um “ladrão de galinhas” e um ladrão com mais “excelência”, de alto escalão. Atenção para o uso da ironia. Para isso acesse o site: <http://www.consciencia.net/opiniao/arquivo/galinhas.html>

### 6.3 Como se dá a constituição de efeitos de sentido

#### 6.3.1 Obra O MUNDO É BÁRBARO: e o que nós temos a ver com isso

Para conhecer a ilustração da capa dessa obra de Luis Fernando Veríssimo, acesse:

<http://amandacoca.files.wordpress.com/2010/01/cover-145202-6001.jpg>

Acesso em 01 de maio de 2010

1- A opção por usar a cor preta como cor de fundo da capa e contra capa da obra, traz algum efeito de sentido? Que sentidos e que memórias a cor preta traz para você?

2- Desconsiderando o subtítulo e colocando o verde como cor de fundo que efeitos de sentido ficam evidenciados? E se usarmos a cor verde deixando o título e sub-título os efeitos de sentido permanecem os mesmos?

3- Qual a relação entre a cor preta usada como fundo e o título escolhido para essa coletânea de crônicas?

- 4- Qual o significado possível para a palavra “bárbaro” presente no título da obra? O que o fez pensar assim?
- 5- Consulte o vocábulo “bárbaro” no dicionário. Quantas acepções ele apresenta? Quais comungam com sua opinião? Quais acepções são válidas para se interpretar o título do livro?
- 6- A partir do título da obra que assuntos você pensa que serão comentados por LFV nessa coletânea de textos?
- 7- Sabendo que o livro apresenta 69 crônicas relacionadas com essa temática do nosso mundo de fato ser bárbaro, escreva quatro títulos de crônicas que poderiam, em sua opinião, fazer parte dessa coletânea.
- 8- Acrescentamos mais uma informação para você inferir sentidos possíveis e retomar a sua resposta da questão número 7. As crônicas se organizam em três blocos: 1º Nós no mundo, 2º As condições do tigre e 3º Velhos e novos bárbaros. E agora sobre quais assuntos Veríssimo tematiza em cada bloco do livro?
- 9- Analisando a imagem presente na capa da obra o que nos leva a reconhecer que LFV tratará do Planeta Terra? Que elemento desta gravura está relacionado a um possível sentido do vocábulo “barbárie”?
- 10- Ao pesquisar a biografia de Veríssimo você deve ter lido sobre a timidez do autor. Na crônica “Da Timidez” o próprio escritor exercendo a função-autor debate essa situação e escreve: *“Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório.”* Uma estratégia de *marketing* da Editora que publica suas obras foi criar caricaturas do escritor. Observe a presença da caricatura de Veríssimo na ilustração da capa e os elementos relacionados. Que interpretação você faz?

Acesse o link abaixo e leia à crônica “Da Timidez” na íntegra.

<http://ainagaki.sites.uol.com.br/textos/timidez.htm>

### 6.3.2 Os Discursos que se inscrevem nas crônicas de Verissimo

Aqui vamos analisar duas das crônicas que integram a obra “O MUNDO É BÁRBARO: e o que nós temos a ver com isso” e apresentar atividades para pensar os discursos que se inscrevem nessas produções.

#### 1ª- Crônica: “**Como Seria**”

Acesse o link abaixo para realizar a leitura completa da crônica e depois desenvolva as atividades propostas. Após a leitura e análise dessa obra vamos perceber se as inferências de sentido que você apresentou na atividade anterior se confirmam.

<http://www.palavras.blog.br/2009/11/como-seria-o-brasil-se.html>

- 1- Responda os dois questionamentos que Veríssimo faz para iniciar essa crônica.
  
- 2- Qual o sentido do vocábulo Pindorama no texto e com quais outras palavras ele constitui rede?
  
- 3- No trecho: “Imagine uma reunião dos presidentes do Mercosul, todo mundo posando para fotografia de terno e gravata e o brasileiro nu.” Por que o autor fez essa comparação? Podemos considerar essa construção como uma ironia?
  
- 4- Que fatores o autor nos coloca como positivos se o Brasil tivesse sido colonizado exclusivamente por índios? Quais os efeitos de sentido constituídos por esses fatores destacados no texto?

5- E os aspectos negativos apresentados na suposição de que o Brasil fosse colonizado pelos índios sem outras influências? Que efeitos de sentido se instauram pelo destaque dados por esses aspectos, no texto?

6- Para construir essa crônica Veríssimo estabelece uma comparação supondo como seria o Brasil se colonizado exclusivamente pelos índios e se colonizado pelos holandeses. Que outros discursos e efeitos de sentidos as colocações feitas por Verissimo para manter sua tese retornaram/passaram a significar para você, enquanto leitor?

7- Mais adiante na construção de sua crônica Veríssimo questiona as possibilidades da colonização brasileira ser de origem francesa. Que memórias e processos sustentam essa construção para que ela faça sentido para você, enquanto leitor?

8- Todas as suposições que Veríssimo apresenta sobre as hipotéticas colonizações do Brasil foram apresentadas para produzir efeitos de sentido? Quais seriam, afinal, esses efeitos? Como eles se sustentam e se tornam possíveis?

9- Lendo a constatação final proposta por Veríssimo: *“Talvez fôssemos corruptos do mesmo jeito, já que deve ser alguma coisa na água.”*, podemos considerar outros sentidos possíveis? Quais?

10- Comente os efeitos de sentido produzidos pelas duas frases que o autor usou para concluir sua crônica e como esses sentidos são possíveis? Que outros dizeres, não-ditos e nem presentes no texto sustentam essa leitura/interpretação?

11- Veríssimo afirma na crônica que ele - talvez nem você - existiria se o Brasil tivesse sido habitado exclusivamente pelos índios. Coloca-nos isso pelas questões de hereditariedade, de nossas origens. Mas também acrescenta que dessa forma não existiria o Eurico Miranda. Quem é ele? Como isso significa para você no texto? O autor faz essa colocação como



aspecto positivo ou negativo de termos sido colonizados exclusivamente pelos índios?

12- Se tivéssemos sido colonizados pelos holandeses quais seriam as características físicas da mulher brasileira?

13- Ao afirmar que para os padrões de beleza dos holandeses a mulher brasileira mais conhecida do mundo seria alguém chamada Giseli ou coisa parecida o que o autor pode significar? Ele acrescenta “Nem dá para imaginar.” Você considera que há ironia nessa construção? De que forma ela significa?

14- Transcreva do texto construções que você considerou irônicas e comente como elas significam.

15- PESQUISA E DEBATE:

a- O texto apresenta várias construções que nos remetem a outros textos, ou a fatos da história do Brasil e também de outros países. Sem conhecer esses fatos, acontecimentos, personalidades é difícil atribuir significados as proposições de Veríssimo. Organizados em equipes vamos pesquisar sobre:

- Mercosul;

- Descoberta e Colonização do Brasil (Pindorama);

- Eurico Miranda;

- Carla Bruni;

- Holanda: suas tradições, cultura, economia, organização política, formação histórica, situação atual;

- França: suas tradições, cultura, economia, organização política, formação histórica, gastronomia, situação atual;

Após a pesquisa a socialização será feita para os colegas de forma oral, breve e objetiva, destacando os aspectos mais significativos observados pelo grupo.

b- Vamos realizar debate. Um grupo vai defender a civilização brasileira formada exclusivamente pelos povos indígenas. O outro defenderá a nossa civilização influenciada pelas diversas culturas que aqui estiveram. Cada grupo terá direito a apresentação de sua tese de defesa e depois a palavra ficará disponível a todos para argumentar seus aspectos favoráveis e demonstrar os aspectos falhos da civilização oponente.

#### 16- PRODUÇÃO TEXTUAL

Após as informações obtidas pelas pesquisas e pelo debate escreva um texto argumentativo demonstrando seu posicionamento sobre as questões da formação da civilização brasileira.

#### **2ª- Crônica “ Fora, povo!”**

Acesse o link abaixo para realizar a leitura completa da crônica e depois desenvolva as reflexões propostas.

<http://rapensando.blogspot.com/2009/05/citacoes-xxii-luis-fernando-verissimo.html>

1- Que diferenciação e feitos de sentido se produzem pelo início da crônica, segundo a qual os comentários do autor encontram respaldo numa “pesquisa recente”?

2- De quem se constitui a “elite brasileira” descrita no texto? Que elementos textuais e não textuais sustentam a definição/constituição dessa elite?

3- Poderíamos dizer que o autor enuncia, colocando-se como um dos membros da elite brasileira? Comprove seu posicionamento com colocações do texto e também com elementos não-presentes no texto, mas que mesmo assim fazem sentido.

4- No trecho “Nossa elite, tão atacada através dos tempos, pode se sentir desagradada com o resultado do estudo, embora este tenha sido até modesto nas suas conclusões.”. Qual o possível sentido do vocábulo “desagradada”? Como a elite se sentiu com o resultado da pesquisa?

5- O autor aponta que a pesquisa foi injusta com a elite brasileira, dizendo que faltou destacar outros aspectos positivos da elite que não foram comentados na pesquisa. Que aspectos são esses? A afirmação do autor poderia sinalizar para um efeito de ironia? Explique, discuta.

6- Qual a tese defendida no texto para o Brasil dar certo? Qual sua opinião sobre essa tese? Sua opinião centra-se nos dados e argumentos do autor ou se ancora em outros textos ou na história do Brasil e do povo brasileiro?

7- Você acredita que Luis Fernando Veríssimo defende essa tese também? Justifique a sua resposta, considerando outras crônicas lidas e a percurso histórico-social do autor e de sua obra.

8. Relacione essa crônica com outras do mesmo autor e a partir dessa relação defina o que é povo e quem representa na ordem do político o povo no Brasil hoje.

9- Professor: A partir do discurso de LFV na crônica solicitar aos alunos que pensem Lula como sindicalista, como cidadão brasileiro, como candidato a presidente nos vários pleitos, como presidente do Brasil por duas vezes e como defensor de Dilma. Para isso sugira a pesquisa de charges que evidenciem essas formas de representação do sujeito Lula. Lendo as charges verificar as que significam do mesmo modo que a crônica “Fora, povo!”.

“O MUNDO É BÁRBARO: e o que nós temos a ver com isso” é composto de um apanhado de textos, totalizando sessenta e nove crônicas – escolhidas num universo de quinhentas – que foram escritas por LFV nos últimos oito anos e publicadas regularmente nos jornais em que mantém sua coluna.

A obra nos desafia a pensar nos temas que parecem não ter nada a ver com o nosso dia-a-dia, como afirma Verissimo na apresentação de seu livro: *“Tudo, no fim, se resume no que tem e não tem a ver com o nosso café com leite, no que afeta ou não afeta diretamente nossas vidas e nossos hábitos.”* (VERISSIMO, 2008, p.09). Composta por uma série de pequenos e concisos ensaios sobre diferentes temas como a teoria de Stephen Hawking sobre os buracos negros, o neoliberalismo, a questão racial e a ascensão da China e da Índia, instigando a repensar nossas opiniões sobre a vida e o mundo. O autor comenta desde economia passando pelo EUA, Brasil e China até o futuro do mundo, refletindo sobre a capacidade das pessoas produzirem coisas “bárbaras”.

LFV foca seu olhar sobre o cotidiano do ser humano de forma humorada, porém mais crítica e consegue dissecar o dia a dia das pessoas, a partir do funcionamento dessas pessoas, como sujeitos, se considerarmos que nenhuma dessas facções representa um sujeito empírico, mas lugares na formação social. Nessa obra, o autor envereda mais pela crítica política, social e até mesmo ambiental, apresentando um ponto de vista mais irônico, e podemos ousar afirmar cínico. Propõe-nos manter um olhar constante sobre a nossa pretensa “sociedade”, mesmo que disfarçado em leveza. Vale conferir!

Mais uma vez o autor é conciso e sagaz. Com inteligência e ironia faz pensar e rir. Em cada crônica nos leva a observar o mundo por outro prisma, a considerar um assunto que outrora não parecia relevante, porém que se torna fundamental para um raciocínio maior e mais abrangente. Dessa forma evidenciando as falhas humanas e como elas constroem um mundo bárbaro. Sempre mantendo seu estilo divertido, cheio de humor, ironias e muito bom senso.

Essas informações pretendem corroborar na compreensão de como se dá a construção dos sentidos nas obras do autor, considerando os

elementos da capa. Os processos de produção dos sentidos são riquíssimos e devemos estar atentos aos mesmos, superando a linearidade das materialidades de leitura. É salutar refletirmos com os alunos que as escolhas para a capa estão veiculadas aos sujeitos-autores, suas condições sócio-históricas e suas FDs, vale ressaltar os interesses editoriais. E que sendo escolhas intencionais, ou não, elas significam. Não da mesma forma para todos os leitores, pois também temos nossas FDs, e nosso vínculo histórico e ideológico que nos constitui enquanto sujeitos.

O título precisa ser pensado com os alunos. Afinal como ele significa? Na sinopse dessa obra divulgada no site <http://www.livrariacultura.com.br>, acesso em 27/04/2010, há elucidação sobre essa questão.

Apesar desse ceticismo as crônicas são bem construídas, interessantes e conseguem arrancar boas risadas do leitor. O autor, como sempre bastante irônico, espirituoso e cético, faz uma “brincadeira” com o título de seu livro “O Mundo é Bárbaro”, pois ou o mundo é muito bom de se viver ou é ainda cruel, selvagem.

Leia a sinopse na íntegra acessando o site acima e conheça mais informações úteis sobre a obra.

No que tange a crônica “Como seria” Luis Fernando Veríssimo improvisa uma espirituosa especulação de como seria o Brasil se tivesse sido colonizado por outros povos ou se não apresentasse nenhuma influência européia.

O autor, inscreve-se em FDs e dá visibilidade às ideologias políticas – que acreditamos serem verdadeiras – podem sofrer alterações e serem substituídas por outras. A humanidade é marcada pela busca da verdade. E qual é a verdade sobre a colonização do Brasil? A forma verbal no subjuntivo nos provoca a pensar em outras verdades possíveis, ou já nos apresenta a inviabilidade disso acontecer. Ou seja, fosse colonizado por qualquer povo o Brasil seria dessa forma e ponto final. Não existe uma verdade singular e essa constante busca pode gerar conflitos e crises existenciais que nos permitem identificar com as crônicas do autor. Diante dessas considerações é importante pensar acerca do que é verdade? Ela existe ou se constitui a partir de pontos

de vista, de procedimentos discursivos que constroem evidências de verdade, saturando os discursos, dotando-os de efeitos de homogeneidade, de fechamento.

Geralmente ao iniciar a leitura de seus textos não encontramos nenhum motivo para considerar o texto irônico, porém especificamente nessa crônica o início já evidencia a ironia. Os questionamentos que direcionam para o tom de humor presentes no texto denunciam padrões sociais pré-estabelecidos que, muitas vezes, limitam o sujeito, que ilusoriamente pensa ser detentor de vontade própria. Os questionamentos funcionam como procedimentos discursivos relevantes para evitar a alienação, evitando que o sujeito passe a aceitar tudo o que lhe é imposto, sem direito a contestação.

Mesmo narrando fatos corriqueiros, dos quais muito já ouvimos falar, Veríssimo surpreende. Isso instaura entre o sujeito-autor e sujeito-leitor uma certa cumplicidade, porque ele consegue nos mergulhar para dentro do texto.

O sujeito-autor destaca as contrariedades presentes na sociedade e procura chamar atenção para a necessidade de que é pertinente estar atento ao que acontece, sempre mantendo um olhar crítico sobre as mais variadas situações. Conduzido pelo estilo de escrita de Veríssimo acabamos desenvolvendo um olhar crítico-reflexivo que nos capacita a pensar a realidade de outra forma que não somente a que pode ser percebida em uma primeira instância. Sempre reconhecendo que há outros sentidos possíveis e todas as implicações que a AD pressupõe para chegarmos ao compreensível.

Sobre a crônica “Fora, povo!” o próprio autor fez algumas considerações em entrevista concedida ao jornalista Marcelo Rubens Paiva (2008) via internet, as quais nos permitem considerar suas FDs e conhecer mais sobre o sujeito-autor Veríssimo. Para ler a entrevista completa acesse o site: (Acesso em 30/07/2010)

[http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmateria\\_299385.shtml](http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmateria_299385.shtml)

**Marcelo:** Seu livro novo é uma coletânea de crônicas escolhidas de novo pela nossa grande e sexy editora, Isa Pessoa?

**Verissimo:** A idéia do livro foi da Lucia Riff [*agente de Verissimo*], que também é grande e sexy. A Isa [*da editora Objetiva*] encampou a idéia e escolheu as crônicas e o título.

**Marcelo:** Crônicas publicadas no *Estadão* e *Globo*?

**Verissimo:** *Estadão*, *Zero Hora* e *Globo*, e distribuídas pela Agência Globo para outros jornais, não sei quantos. Em geral, crônicas mais "sérias", se é que cabe a palavra, do que as dos outros livros.

**Marcelo:** É uma coletânea mais niilista, sobre o futuro e a falta de identidade brasileira. Efeito do mensalão?

**Verissimo:** Não sei, eu sou menos pessimista do que o que escrevo. Na verdade sou um ingênuo disfarçado. No livro falo bastante na China, que um dia, como escrevi, vai tornar o resto do mundo supérfluo. Mas prefiro o pensamento otimista: quando isso acontecer eu estarei morto.

**Marcelo:** Estará nada, pois os chineses o clonarão e haverá um Luis Fernando Verissimo de olhos puxados. Você é ainda um homem de esquerda, dá para reparar em suas crônicas. Acha que o Lula fez um governo digno?

**Verissimo:** Eu acho que ser de esquerda, hoje, é não ser de direita. O que não é tão óbvio quanto parece. Acho que o PT no governo é, em matéria de economia, o PSDB de barba, mas a distribuição de renda, que está melhorando, é o grande diferencial, e o grande feito do governo Lula. Isso compensa todo o resto, a corrupção, etc.? Não sei. Mas o governo Lula está fazendo uma diferença. Eu disse que era um ingênuo.

**Marcelo:** Na crônica *Fora Povo*, você sugere uma brincadeira: que a nossa elite é melhor que o povo, que devia ser terceirizado. A elite brasileira não merece o povo que tem?

**Verissimo:** A crônica é um comentário sobre um estudo que apareceu, mais ou menos chamando a elite brasileira de injustiçada. Que temos um povo melhor do que a elite acho que não há dúvida. Que merece uma elite melhor, também. Toda a história do Brasil é um prontuário dessa elite.

Na entrevista Verissimo faz saber que o matéria prima dessa crônica foi uma pesquisa real publicada sobre a elite brasileira, isso nos permite pensar o posicionamento dele com mais clareza. Ele assume a posição-sujeito como sendo um dos representantes dessa elite brasileira e enuncia aos sujeitos que compõe o povo brasileiro. Dessa forma a crônica faz rir aqueles que compreendem que se trata de uma brincadeira do autor porque pelas FDs e as posições ideológicas do dele sabemos que não se considera um membro dessa elite. Incrível perceber que há pesquisa até sobre isso!

Temos em Pêcheux (1997) a consideração sobre os textos humorísticos ao afirmar que neles entrecruzam-se as evidências como parte de um mundo semanticamente normal que naturaliza o sentido e o absurdo, porque ao romper com a normalidade provoca o estranhamento e conseqüente o riso. Isso ocorre nessa crônica de Veríssimo, ao apresentar algo estranho – o resultado da pesquisa – como se fosse familiar. Temos a impressão da aceitação, da anuência do autor com relação ao que escreve. Quando, mais uma vez ele está ironizando para dizer exatamente o contrário: o povo brasileiro é quem merece uma elite melhor.

Quem conhece Veríssimo e sua formação social ao ler à crônica “Fora, povo!” percebe a quebra da norma identificadora e constata que o autor está ironizando. Mas para isso é preciso passar do interpretável para o compreensível, além de considerar a FD do sujeito-autor e dos sujeitos-leitores. Ressaltando que o ideológico marca o que se pode e deve dizer ou fazer a partir da FD que nos interpela e identifica. Essa quebra da norma produz o riso, porque o que não deveria ocorrer, ocorre. Ou seja, um componente do povo brasileiro deveria falar em defesa dele e não posicionar-se contra como se fosse da elite. Dessa forma, usando a ironia o autor mostra o quão preconceituoso somos com nós mesmos. Como se o subemprego, a fome, a falta de habitação, como colocados na crônica fossem hábitos e não condições.

### 6.3.3 Obra: Mais Comédias para Ler na Escola

Para conhecer a ilustração da capa dessa obra de Luis Fernando Veríssimo, acesse:

[http://i.s8.com.br/images/books/cover/img1/21354211\\_4.jpg](http://i.s8.com.br/images/books/cover/img1/21354211_4.jpg)

Acesso em 01 de maio de 2010

1- Outra vez, iniciamos pensando a opção pela cor de fundo usada na capa da obra. Quais os efeitos de sentidos da cor verde? Que outros discursos retornam por meio dessa cor? Que efeito de sentido essa cor produz? Qual a relação criança X verde na capa?



2- Analise a ilustração da capa. Ela sinaliza para o tipo de crônicas que encontraremos nessa obra?

3- Observe a caricatura de Veríssimo que compõe a capa da obra. Identifique os elementos que significam a infância e os que remetem à velhice. O que sustenta esses efeitos na capa? Explique-os construindo relações com outros discursos.

4- O personagem da capa está realizando uma ação. Que ação é essa? Como isso se relaciona com o título da obra?

5- A leitura de uma imagem é possível pelos discursos que retornam. Diante disso, determine/liste as materialidades imagéticas da capa e diga que discursos se presentificam nelas/por elas?

6- Caso você fosse convidado a trocar a cor da capa do livro qual seria sua opção? Justifique sua escolha.

7- Escolha algumas das crônicas dessa obra e faça a leitura individual. Depois registre se suas expectativas a partir da análise da capa se confirmaram. A capa e o título da obra têm relações de significados com as crônicas lidas?

## 7. REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Sérgio. In: VERISSIMO, Luis Fernando. **O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comichade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Coleção Tópicos

CALLES, Diva Cleide. **Marcas Polifônicas e o Uso da Ironia em “Audácia”**. Estudos Lingüísticos XXXIII, p. 853-859, 2004. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos->

[2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/marcas\\_polifonicas.pdf](#). Acesso em 20/11/2009

CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. In: \_\_\_\_\_ *A vida ao rés-do-chão*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DEMO, Pedro. **Metodologia da Investigação em Educação**. Curitiba: IBPEX, 2003.

FERNANDES, Célia Bassuma e VENTURINI Maria Cleci. **A Subjetivação do Sujeito-objeto Lula em Textos Humorísticos**. Revista Entretextos, 2008. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/entretextos/volume8/pdf/06.pdf>. Acesso em: 22/06/2010

HATOUM, Milton. In: VERISSIMO, Luis Fernando. **O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Bom de ouvido**. In: VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2004

\_\_\_\_\_, Eni P. **Discurso e Leitura**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006

\_\_\_\_\_, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007

\_\_\_\_\_, Eni P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. 3ª ed. Campinas, SP: 3ª Edição, Pontes, 2008

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi (et al). 3a. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

VERISSIMO, Luis Fernando. **A fina Expressão da Ironia**. In: Revista Língua Portuguesa, n° 57. São Paulo: ed.Segmento, 2010. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10953> Acesso em 20/05/2010

\_\_\_\_\_, **O analista de Bagé**. Porto Alegre: L&BM, 1982.

\_\_\_\_\_, **Comédias para Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_, **Mais Comédias para Ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

\_\_\_\_\_, **A Fina Expressão da Ironia**. In: Revista da Língua Portuguesa, n° 57. São Paulo, Ed Segmento. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10953> Acesso em 20/05/2010

\_\_\_\_\_, **O mundo é Bárbaro: e o que nós temos a ver com isso analista de Bagé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

### 7.1 Referências on-line

<http://oliveiro.com.br/blog/2009-09-29-cuenca-verissimo-e-as-ironia>. Acesso em 25/11/2009

<http://www.consciencia.net/opinioao/arquivo/galinhas.html> Acesso em 15/03/2010

<http://ainagaki.sites.uol.com.br/textos/timidez.htm> Acesso em 15/03/2010

[http://www.releituras.com/lfverissimo\\_bio.asp](http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp) Acesso em 27/04/2010

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis\\_Fernando\\_Verissimo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luis_Fernando_Verissimo) Acesso em 27/04/2010

<http://jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevistaverissimo2.html> Acesso em 27/04/2010

<http://www.livrariacultura.com.br>, acesso em 27/04/2010

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprimir.asp?cod=509FDS025>

Acesso em: 03/05/2010

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura> Acesso em 27/06/2010.

<http://entremundos.com.br/2009/05/mundo-barbaro-verissimo/> acesso em 28/06/2010

[http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmateria\\_299385.shtml](http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmateria_299385.shtml)

Acesso em 06/07/2010

<http://rapensando.blogspot.com/2009/05/citacoes-xxii-luis-fernando-verissimo.html>

Acesso em 20/07/2010

<http://www.palavras.blog.br/2009/11/como-seria-o-brasil-se.html> Acesso em 20/07/2010

<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10953> Acesso em 20/06/2010

<http://www.consciencia.net/opiniaao/arquivo/verissimo4.html> Acesso em 16/04/10

<http://www.observatoriodaimprensa.?cod=509FDS025>. Acesso em 16/04/10

<http://www.olhoscriticos.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=16>

Acesso em 20/07/2010

<http://amandacoca.files.wordpress.com/2010/01/cover-145202-6001.jpg>

Acesso em 01/05/2010

[http://i.s8.com.br/images/books/cover/img1/21354211\\_4.jpg](http://i.s8.com.br/images/books/cover/img1/21354211_4.jpg) Acesso em

01/05/2010